

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO EM BISA BIA, BISA BEL: UMA LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR-SOCIAL DO ALUNO

Autora: Amannada de Paula Barbosa¹; Orientadora: Prof^ª. Dra. Kalina Naro Guimarães²;

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: amannadepaula92@gmail.com

²Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: kalinaro@gmail.com

Resumo:

O cenário de renovação da literatura infanto-juvenil, através das obras de Monteiro Lobato, evidenciou uma nova constituição das personagens femininas e, influenciados pela obra lobatiana, alguns escritores se tornaram seus precursores, assim como Ana Maria Machado. A autora, em seu livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), constroem personagens femininas que rompem com os modelos dos contos de fadas e que, através de um processo em que o ser e o mundo são questionados, passam por um processo de (re)construção de identidade. Nesse sentido, considerando as teorias sobre identidade, gênero e educação, é fundamental que livros que problematizem as relações de gênero sejam discutidos em sala de aula, para que a formação do sujeito-criança seja mais crítica e solidária. A escola, por ser uma instituição de formação, deve considerar essa discussão na sala de aula, porém, essa prática não se faz presente. Por ser este um trabalho ainda em desenvolvimento, é abordado um estudo documental e bibliográfico, indagando: como promover a discussão de gênero na escola através de leituras que enfatizem a construção da identidade das personagens de uma narrativa de literatura infanto-juvenil, considerando a recepção e o contexto social em que o sujeito-criança está inserido? Para responder a essa questão, a proposta deste projeto é a aplicação de uma sequência didática e de um roteiro de leitura para uma turma do 7º ano do EF, com o intuito de compreender como a representação do gênero é interpretada pelo leitor-criança. Pretendendo, portanto, conhecer o nível de interpretação dos alunos, aplicar os produtos já mencionados, verificar as reflexões dos alunos acerca das ações dos personagens do livro e descrever e identificar a experiência didática do professor-pesquisador. Para isto, a aplicação da sequência didática e do roteiro de leitura será realizada através de aulas ministradas e registradas em um diário de campo e, também, por gravações de vídeo. A aplicação desta pesquisa está ancorada na justificativa de considerar relevante para a construção da identidade da criança a discussão sobre a questão de gênero guiada por uma forma didática que considere as leituras e interpretações do leitor-criança. Espera-se, portanto, que a discussão deste trabalho contribua para a expansão e compreensão da importância das discussões sobre gênero na sala de aula. A teoria deste projeto baseia-se em Arroyo (2011), Cademartori (1992), Carson (1995), Coelho (1993), Machado (1983), Silva (2009) e Zilberman (2003).

Palavras-chave:

Literatura Infanto-Juvenil, Gênero, Identidade, Escola.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil, em geral, esteve sua base fundamentada em conceitos pragmáticos com o objetivo de instituir regras morais e de comportamento que deveriam ser seguidas pelas crianças. Desse modo, a leitura de livros infantis era direcionada para o campo pedagógico e moralizante, deixando o entretenimento e o prazer da leitura escanteados. No Brasil, essa literatura foi renovada a partir das obras de Monteiro Lobato, com livros em que o contexto fantasioso e a construção dos personagens permitiam um enredo divertido e menos comprometido com as propostas educacionais.

Diferentemente do modelo das princesas criados pela tradição da literatura infanto-juvenil, Lobato cria a personagem Emília que destoa do modelo convencional e conservador das personagens femininas. É, portanto, nesse sentido, que o cenário da literatura infanto-juvenil brasileira começa a se emancipar, sendo Monteiro Lobato o responsável por incentivar essa linha inovadora. Nesse contexto, novos autores principiam suas obras embaladas pelo ritmo que esse escritor engrenou. Ana Maria Machado é uma de suas precursoras.

A leitura dos livros de Machado aponta, assim como em Monteiro Lobato, uma nova experiência com a literatura infanto-juvenil, mais estética e menos pedagógica. A construção da escrita da autora apresenta para as personagens femininas uma perspectiva que rompe com o modelo dos contos de fadas. O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) apresenta algumas características nessas personagens femininas, sobretudo em Isabel, que possibilitam uma leitura diferente daquela que, normalmente, constitui os textos tradicionais direcionados para as crianças: de figuras mitificadas e pouco complexas, que se acomodam harmoniosamente na classificação de bem ou do mal, o leitor passou a interagir com personagens em sua travessia identitária, como Isabel, no referido livro, flagrada no processo de construção de sua identidade.

Nesse contexto, Carson (1995) discute sobre a construção da identidade de gênero e aponta três dimensões analíticas constituintes: *o pertencer a algo* (a um gênero, por exemplo), que aborda sobre a identificação; *a desigualdade*, sobre uma organização social em que os sujeitos exercem as suas vontades; e *a diversidade*, para compreender o nível da unicidade. Essas dimensões, assim como o autor se refere, não são excludentes e fazem parte da construção da identidade do sujeito.

No entanto, a discussão acerca do gênero, conceito construído culturalmente, é algo pouco ou, em sua maioria, não discutido nas salas de aula, como também é escasso a sua presença nos livros didáticos e em muitos dos currículos que regem o ensino. Considera-se, no entanto, que discutir sobre o gênero na escola é de importante valia para a construção de identidades e, por isso, torna-se imprescindível o seu estudo.

Com base nessa instância, este projeto norteia-se sobre a seguinte questão-problema: Como promover a discussão sobre a questão de gênero na escola, através da análise da construção da identidade das personagens de uma narrativa de literatura infanto-juvenil, considerando a recepção e o contexto social em que o sujeito-criança está inserido?

O presente projeto, então, tem como objetivo desenvolver um trabalho que possibilite ao sujeito-criança uma leitura reflexiva sobre as questões de gênero presentes no livro “*Bisa Bia, Bisa Bel*” (1981), a partir da observação sobre a construção da identidade dos personagens, visando observar a percepção das crianças sobre questões de gênero, para, diante do que elas partilham em termos de saberes e valores, planejar os caminhos para realização do trabalho proposto; verificar as reflexões dos alunos e observações acerca das ações e atitudes dos personagens do livro infanto-juvenil; compreender como a representação do gênero é observada/interpretada pelo leitor-criança e descrever e refletir sobre a experiência didática como um todo, debatendo a pertinência do trabalho realizado.

Nesse sentido, justifica-se o interesse em analisar a leitura e o estudo do livro “*Bisa Bia, Bisa Bel*” (1981) em sala de aula, com o propósito de possibilitar aos alunos-crianças uma visão diferente daquela apontada por livros que são constituídos por um enredo tradicional, como também de verificar as supostas leituras e compreensões que surgirão no contexto escolar relacionadas com as práticas sociais dos leitores e da atuação do professor.

2 METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa pretende, por meio uma sequência didática e de um roteiro de leitura, compreender a recepção do sujeito-criança acerca da discussão de identidade e de gênero, tendo, portanto, como fonte documental o livro infanto-juvenil *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), de Ana Maria Machado. A aplicação do produto de nossa pesquisa será em uma escola pública do município de Casinhas-PE, especificamente em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental II, cujos alunos serão agentes participantes da pesquisa-ação. Já professora de Língua Portuguesa

atuará como colaboradora da pesquisa, nos ajudando a compreender sua prática docente, pois, conforme Severino, “o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem, argumenta” (SEVERINO, 2007, p. 124).

A natureza da pesquisa é a pesquisa-ação, visto que a professora-pesquisadora irá a campo aplicar o material elaborado previamente e que tem o objetivo propor a discussão sobre a construção da identidade de gênero. Quanto à abordagem da metodologia a ser utilizada, trata-se de uma abordagem de base qualitativa, pois explorará os posicionamentos dos indivíduos e cenários que não podem ser descritos numericamente, pois é a partir da perspectiva do pesquisador sobre o objeto de estudo que se assenta a sua base analítica (Minayo, 1998). Assim, a pesquisa qualitativa faz parte de um processo de interpretação e descrição de dados, concordando com o que Chizzotti (1998) afirma:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 1998, p.79)

Em anuência com o exposto, serão considerados para análise desta pesquisa o contexto da complexidade do objeto, as situações particulares encontradas, assim como os indivíduos (alunos) específicos que farão parte do trabalho.

A presente proposta de trabalho contará com a pesquisa bibliográfica acerca das teorias como a de gênero, construção de identidade, da literatura infanto-juvenil e sua abordagem no contexto escolar. Será feita, também, uma pesquisa documental do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), PCN e da matriz curricular do estado de Pernambuco para o Ensino Fundamental II. Posteriormente, haverá a descrição e interpretação dos dados obtidos.

Considera-se fundamental para a análise de dados os registros da pesquisa-ação. O *corpus* desta pesquisa constará, portanto, de questionários, imagens audiovisuais, notas e diário de campo, com o fim de registrar as ações realizadas no campo de pesquisa que serão registrados em uma sala de aula de 7º ano do EF de uma escola da rede pública de ensino que terão suas aulas registradas por gravação de vídeo.

Nesse sentido, será empregada uma abordagem de cunho etnográfico, uma vez que o sujeito professor irá a campo interagir com o sujeito aluno, fazendo-se uso da aplicação de uma sequência didática, que caracterizará, por sua vez, o viés de uma pesquisa-ação, propondo um trabalho correspondente à construção do senso reflexivo dos alunos de EF. Segundo Bortoni-Ricardo (1945, p. 49),

O objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula, em especial a etnografia, é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia-a-dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que dela participam. Dito em outras palavras, os atores acostumaram-se tanto às suas rotinas que têm dificuldade de perceber os padrões estruturais sobre os quais essas rotinas e práticas se assentam ou – o que é mais sério – têm dificuldade em identificar os significados dessas rotinas e a forma como se encaixam em uma matriz social mais ampla, matriz essa que as condiciona, mas também é por ela condicionada. (BORTONI-RICARDO, 1945.).

Para compreender, portanto, os espaços invisíveis presentes na sala de aula e o cotidiano dos alunos, esta pesquisa propõe uma observação detalhada do cenário escolar e, também, a discussão sobre como a representação do gênero é interpretada/observada pelo leitor-criança. Para verificar como esse leitor relaciona essa questão com seu contexto social, será elaborada uma sequência didática para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II.

Este projeto está, fundamentalmente, baseado em Meireles (1984), Rocha-Coutinho (1994), Santos (2009) e Silva (2009), contando com seu desenvolvimento a partir de leituras em teorias de Arroyo (2011), Cademartori (1992), Carson (1993), Coelho (1993) e Zilbermann (2003) a fim de compreender o processo que está implícito e explícito na literatura infanto-juvenil brasileira e as questões de gênero que estão inseridas na renovação desta literatura, bem como em Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013) e Cosson (2014) que abordam o texto literário em sala de aula.

3 RESULTADOS

Por ser uma pesquisa em andamento, ainda não possui resultados concretos para análise.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A produção de livros voltada para crianças é enlaçada a algumas perspectivas importantes. Dentre elas, destacam-se duas vertentes principais: a Literatura Infantil como método educativo e como instrumento para entretenimento e ampliação cultural. A primeira diz respeito é perpassada por aquilo que se quer ensinar. Ou seja, o adulto, que possui experiências a serem transmitidas, escreve utilizando recursos narrativos para alcançar o seu objetivo. No que se refere à segunda vertente, os livros infantis não são mais tidos como pretextos para o intuito pragmático/pedagógico, mas como um elemento para desenvolver o entretenimento e expansão cultural da criança, já que o método educativo limita o espaço para a fantasia e, principalmente, dos personagens que fogem dos moldes tradicionais da literatura infantil.

Nesse âmbito, a produção de livros para crianças possui novas propostas e interesses, incluindo, principalmente, a preocupação com o incentivo à leitura. Com isso, é válido destacar que a produção da Literatura Infantil passa a ser destinada ao interesse e prazer do leitor criança que não deve ser apenas apreender uma formação explícita nas páginas de um livro, ele deve fazer interferências pessoais no que diz respeito ao conteúdo/tema, selecionando o que lhe é pertinente ou não. A literatura infanto-juvenil, por sua vez, carrega consigo rótulo/classificação sobre a produção de livro para crianças. O teórico Rildo Cosson (2014) observa que a leitura de textos literários conduz o leitor a indagações e avaliações dos valores postos em uma sociedade e, desse modo, o mesmo se reconhece e se porta como sujeito crítico. Para ele,

Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo o texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p. 50).

Os livros direcionados à crianças geralmente possuem mais fantasia, com a intenção de entreter e provocar o prazer da leitura, mas também contém experiências que despertam a reflexão. Essas obras devem ser consideradas na seleção de textos literários, que deve possuir um encaminhamento com o intuito de formar leitores capazes de fazer interferências e adaptar aquilo que é lido para sua realidade. Alguns autores, como Ana Maria Machado, trazem nova perspectiva

para a Literatura Infanto-Juvenil como, por exemplo, as representações de gênero. Estas questões são importantes no debate acerca da construção de identidade na sala de aula e, também, por possibilitarem reflexões críticas com o intuito de fazer com que as crianças, através da leitura, possam associá-las ao contexto social em que estão inseridas.

No que compete às discussões atuais sobre gênero, o papel da mulher na sociedade atual guarda relação com o de algumas décadas atrás, apesar do evidente avanço na esfera privada e pública. A tradição preservava uma perspectiva em que a mulher não possuía direitos sobre os bens de seus maridos, bem como eram excluídas do campo de trabalho e do direito ao voto. Além disso, cultivava-se uma certa ideia de mulher e de funções femininas, como a dona do lar, aquela que tem o papel de organizar a casa e cuidar dos filhos e de questões pertinentes aos escravos/empregados. Santos (2009) explica que

Tudo indica que as relações entre os sexos eram, antes de tudo, relações de poder, e marcaram a história feminina, visto que as poucas mulheres que se permitiam alguma iniciativa que vislumbrasse horizontes de atuação fora dos limites domésticos encontravam sérios obstáculos para concretizar seu intento. Medidas de proteção em relação às mulheres tinham um único objetivo: mantê-las distantes do mundo do trabalho, para se dedicarem, exclusivamente, à perpetuação da espécie, cuidando da prole e do lar. (SANTOS, 2009, p.159).

Cerca de 300 anos após as ideias advindas do Iluminismo, é que as mulheres começaram a ser inseridas no campo de trabalho, em condições desfavoráveis em relação aos homens. Como método de afastá-las do âmbito do trabalho, além dos posicionamentos críticos que perpetuavam naquela época e que pregava por uma relação de dominação, normas para as mulheres foram instituídas e se fixaram como uma forma de afastamento do trabalho para que elas se tornassem totalmente submissas e para que seus posicionamentos fossem omitidos, já que não tinham direito à voz.

Ao longo do tempo e depois de grandes lutas feministas nos anos sessenta e setenta, as mulheres buscam fixar a sua autonomia, independência e amenizar/extinguir as diferenças entre o gênero masculino e feminino, almejando a igualdade definida por Joan Scott (2005, p.15) como “um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e da decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração”. Acerca dos movimentos de sessenta e setenta, Carson (1995) diz que

Apesar da enorme diversidade de necessidades e pontos de vista que formaram o movimento e ainda prevalecem no pensamento feminista, o que permitiu ao movimento dos anos sessenta e setenta ter sua enorme difusão e sua atual permanência foi o acordo geral sobre alguns pontos: que as mulheres vivem sujeitas a um sistema de discriminação pelo fato de pertencer a um sexo; que elas têm suas necessidades específicas permanentemente negadas e insatisfeitas; que a satisfação dessas necessidades requer profundas alterações ao nível da subjetividade, das relações interpessoais, dos âmbitos cultural, social, econômico e político. [...] A obtenção da igualdade de direitos civis perante o Estado nacional só resolve parcialmente o problema, sendo claramente insuficiente para combater a permanente discriminação social vivenciada pela mulher. (CARSON, 1995, p. 193).

Sendo assim, considerando os pontos citados e os papéis que a mulher ocupa na sociedade, espera-se que a igualdade deve ser respeitada e inviolada. A escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2014), em seu livro *Sejamos todos feministas*, argumenta que, a partir do momento em que apenas os homens ocupam lugares de chefia importantes à sociedade, começamos a achar “normal” que somente eles ocupem tais cargos, duvidando, muitas vezes, da competência feminina. Nesse contexto, a leitura literária deve ter espaço na sala de aula, porque pode permitir reflexões sobre a desigualdade humana, sobretudo no que diz respeito ao gênero, contribuindo para a formação crítica da personalidade do indivíduo leitor, assim como ponderações sobre a sua própria identidade. Segundo Santos (2009),

Isso remete a pensar sobre a potencialidade da obra de arte como forma de reflexão sobre o ser humano e sua circunstância, auxiliando-o a ter mais segurança diante de suas próprias vivências. Para Lima (1969, p. 35) a obra literária “expressa uma visão articulada do tempo”, visão que oportuniza ao leitor “entendimento crítico da realidade. E quando dizemos crítico, pensamos em um ato que não se encerra em compreender, mas em atuar a partir dessa compreensão”. A literatura parece cumprir, assim, um importante papel, pois, enquanto diverte o leitor, proporciona-lhe caminhos que o levam ao autoconhecimento necessário à sua formação como ser humano, à organização de sua personalidade. Pela potencialidade de transgressão que lhe é inerente, a obra literária permite ao leitor um trajeto de entendimento que, possivelmente, não alcançaria se fosse privado desse processo. (SANTOS, 2009, p.157).

Assim, no que compete às discussões sobre gênero, o texto literário pode proporcionar ao leitor a compreensão dos traços, em constante transformação, da nova mulher do século XXI, que é ativa, trabalha, e que desfruta de sua vida e sexualidade, questionando regras sociais impostas, para tentar viver a “liberdade de ser e de agir” (SILVA, 2009. p. 211). Louro (1997) outorga que

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades

fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. As características dessas ocupações, bem como a ocultação do rotineiro trabalho doméstico, passavam agora a ser observadas. (LOURO, 1997, p. 17).

Não obstante, o contexto masculino também adquire um novo papel diferente daquele desenhado pela sociedade. Cada vez mais os homens passam a desempenhar, também, o papel que era destinado apenas para as mulheres. Atualmente, é comum vermos homens que se dedicam ao lar e ao trabalho com as crianças. Trata-se, portanto, de uma nova postura entre homens e mulheres, resultante de um longo processo de questionamento do gênero, enquanto espaço essencializante e estereotipado que limita homens e mulheres. Assim como as questões de socialização da mulher em que o estereótipo de sua formação é colocado em evidência. Segundo Rocha-Coutinho (1994),

Desde sempre, em sua socialização a criança é colocada a desenhar atividades estereotipadas, forjando, paulatinamente, diferenças psicológicas e acentuando a assimetria entre os sexos. Assim, ao contrário dos homens, "as meninas eram encorajadas a serem dóceis, boazinhas, úteis, prestativas, cooperativas, cordiais, tolerantes, compreensivas, a não incomodarem as pessoas e a não dizer não". Nessa dimensão, o sujeito feminino constitui-se sem discurso próprio, amorfo, repetindo estereótipos, construindo-se a identidade da mulher a partir da divisão entre público e privado, panorama em que se desenha, diversamente, o comportamento adequado ao homem e à mulher, cabendo a esta, aprender, muito cedo, a lição da desvalorização, que visa a sua sujeição à ideologia hegemônica. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.59).

Nesse fragmento, Rocha-Coutinho mostra como a criança, por meio da socialização, é direcionada a compreender que há atividades distintas para o gênero feminino e masculino. Essa constatação possibilita a observação sobre o que se ensina à criança, alertando para a influência de um discurso carregado de tradicionalismos que pode engavetar o pensamento dela. É por isso que se deve pensar na leitura de textos literários voltados para esse público como ferramenta para provocar reflexões críticas, na ótica de desenvolver um pensamento autônomo que compreenda o mundo em sua complexidade.

Nesse sentido, considerando o ambiente escolar como um dos locais sociais em que a criança está boa parte do seu tempo, os discursos formados nessa instituição são formadores. Dessa maneira, o professor, como agente mediador, deve proporcionar a leitura em livros que permitem essas reflexões. Sobre isso, Jover-Faleiros (2013) afirma que

O leitor está, pois, diante da obra, que é o mundo em escala reduzida em sua complexidade, mas ela (a obra), diferentemente dele (o mundo), guarda certa estabilidade – podemos afirmar que o ato da leitura implica relativa atualização do texto em seu contexto de recepção- e estabelece com ela uma relação que é em certa medida solitária, individual [...], mas em permanente diálogo porque a linguagem é uma dimensão coletiva, social e histórica (porque mundo). Parece-me claro que ensinar a ler literatura pressupõe uma visão, uma figuração dos leitores que se pretende formar. (JOVER-FALEIROS, 2013, p.115).

Dessa forma, trabalhar com a leitura do texto literário permite a recorrente atualização do texto, visto que ele se adequa ao seu cenário de recepção e que faz constante relação com o conhecimento de mundo do aluno, já que se trata de uma linguagem de dimensão coletiva, social e histórica. Portanto, o professor mediador, por meio de seleções de leituras direcionadas para objetivos previamente determinados, pode fazer com que o leitor-criança perceba o que é pertinente no texto. As leituras devem possibilitar a este leitor uma contato autônomo com o texto para que consiga relacionar o que foi lido/interpretado com o seu contexto social e conhecimento de mundo, podendo, também, fazer interferências de concordância ou não.

5 CONCLUSÕES

A aplicação deste projeto se faz importante visto que possibilita ao aluno-criança condições para que ele desenvolva uma leitura reflexiva do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), apresentando, a partir deste processo, alguns entraves e caminhos para o debate sobre questões de gênero na escola. A experiência de leitura será mediada pela professora-pesquisadora que fará uso de alguns aspectos temáticos e formais, com ênfase na análise das personagens femininas, indicados no roteiro de leitura que, após construirmos, será disponibilizado para a escola, para que outros professores sirvam-se desse planejamento, adaptando-o ao contexto específico da sua sala de aula.

A experiência obtida nesta pesquisa, a ser relatada em trabalho dissertativo, poderá contribuir para que o professor possa refletir e elaborar suas aulas direcionadas à inclusão da discussão de gênero na sala de aula, explorando a linguagem do texto, mas também sua dimensão sociocultural. Essa abordagem propiciará uma leitura reflexiva, em que o aluno possa construir ou ressignificar o mundo e sua própria identidade, sem, contudo, desconsiderar o enredo fantasioso que possibilita vários significados e níveis diferentes de leitura.

5 REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Schwarcz S.A, 2014.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 1945. p.49

CADEMARTORI, Lígia. **História infantil e pedagogia**. In: a formação e a noção de sujeito. São Paulo: 1992.

CARSON, Alejandro Cervantes. **Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher**. Versão modificada do artigo publicado. In: *Estudios Sociológicos*, v. XI, no 31, janeiro-abril, México, D.F., El Colégio de México, 1993. p. 237-264. (1995)

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ática, 1993.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

COSSON, Rildo. A leitura e seus objetivos; Os modos de ler da leitura literária. In: ____ . **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Org). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Literatura Infantil e gênero: subjetividade e autoconhecimento**. Caxias do Sul: Conjectura, vol. 4. Nº. 2, 2009.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. Tradução Revista Estudos Feministas. Copyright, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. E Atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2. ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

ZILBERMANN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora, 2003.